

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

Thales do Amaral Santos

Um diálogo entre o Ensino de Artes Visuais e Sociologia no Ensino Médio: a tese do branqueamento e a tela *Redenção de Cam*, de Modesto Brocos.

Belo Horizonte
2023

Thales do Amaral Santos

Um diálogo entre o Ensino de Artes Visuais e Sociologia no Ensino Médio: a tese do branqueamento e a tela *Redenção de Cam*, de Modesto Brocos.

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): André Luiz de Sousa

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
[ESCOLA DE BELAS ARTES]
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO / PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

FOLHA DE APROVAÇÃO

“Um diálogo entre o Ensino de Artes Visuais e Sociologia no Ensino Médio: a tese do branqueamento e a tela Redenção de Cam, de Modesto Brocos.”

THALES DO AMARAL SANTOS

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado, no dia 01 do mês de dezembro de dois mil e vinte e três, pela Banca Examinadora designada pelo [Colegiado do Programa de Pós-Graduação CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof. Me. André Luiz de Sousa (Orientador)

Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaró (Membro)

Belo Horizonte, 07 de dezembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **André Luiz de Sousa, Professor Magistério Superior-Substituto**, em 19/01/2024, às 20:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro, Professora do Magistério Superior**, em 22/02/2024, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2883875** e o código CRC **EEE981C7**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS

ATA DA DEFESA DO TRABALHO FINAL DE THALES DO AMARAL SANTOS

Nº 2021 724349

Às quatorze horas e sete minutos do dia 01 do mês de dezembro de dois mil e vinte e três, reuniu-se remotamente, por meio de mídias digitais, a Banca Examinadora indicada pela Coordenadora do **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS CEEAV**, do Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA da UFMG, constituída pelo Prof. Me. André Luiz de Sousa (UFMG) (Orientador) e pela Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaru (UFMG), para julgar o trabalho final intitulado “Um diálogo entre o Ensino de Artes Visuais e Sociologia no Ensino Médio: a tese do branqueamento e a tela Redenção de Cam, de Modesto Brocos.”, requisito parcial para a obtenção do Grau de **ESPECIALISTA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS**. Durante a sessão, o Orientador Professor André Luiz de Sousa, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final de Curso, passou à palavra à estudante, para a apresentação de seu trabalho.

Seguiu-se a arguição pela Banca Examinadora, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, a Banca Examinadora reuniu-se, sem a presença do estudante, para julgamento e expedição do resultado final.

Pelas indicações o aluno foi considerado: **APROVADO**

Prof. Me. André Luiz de Sousa (Orientador) – 98,00 pontos

Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaru (Membro) – 98,0 pontos

NOTA FINAL: – 98,0 (noventa e oito) pontos

Considerações finais da banca examinadora: a banca destaca a relevância da temática e do objeto da pesquisa, bem como sua contribuição para campo das Artes e das Ciências Sociais relacionadas aos processos educativos discutidos. A banca indica a correção final e a normalização conforme as normas da ABNT para a entrega da monografia. A banca recomenda a publicação do trabalho em formato de artigo científico.

O resultado foi comunicado publicamente ao estudante pela Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar o Orientador Prof. André Luiz de Sousa encerrou e lavrou a presente ATA, que será assinada digitalmente por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

A Coordenação do CEEAV comunica que o aluno terá até 30 (trinta) dias para apresentar a monografia corrigida, a partir da data de Defesa.

Profa. Camila Rodrigues Moreira Cruz

Coordenadora do CEEAV/PPGARTES/EBA/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **André Luiz de Sousa, Professor Magistério Superior-Substituto**, em 19/01/2024, às 20:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro, Professora do Magistério Superior**, em 22/02/2024, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Rodrigues Moreira Cruz, Coordenador(a) de curso**, em 28/02/2024, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2883416** e o código CRC **3232E314**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível porque muitas pessoas acreditaram em mim, principalmente professoras/es. Talvez por eu ser professor desde os 16 anos de idade, eu me emociono, sou muito grato e admiro o trabalho de cada pessoa quem nos incentiva, que nos apoia, que nos dá as mãos e nos ajudam a alcançar nossos objetivos.

Construir este trabalho foi um dos meus objetivos, e só foi possível porque a Gabriela Christófaru segurou na minha mãe, e me disse que o meu trabalho era muito importante e que ele precisava seguir em frente, e eu agradeço muito a ela por me ensinar a acreditar em mim, e ao mesmo tempo me ensinar sobre o cuidado com o outro. Sou um professor melhor depois de todo esse cuidado, e tenho certeza de que cuido muito melhor dos meus estudantes.

Outra pessoa que foi fundamental para a conclusão deste trabalho é o meu orientador André Sousa, que cuidou muito do processo por entender muito bem que uma pesquisa não se faz só de citação de autoras/es, de leituras, mas de práticas, afetos, de reflexões pessoais, de um pedacinho de cada uma e um de nós, em todo este processo. Um orientador-professor, com o qual eu quero levar comigo sempre a sua dedicação e inteligência na condução de uma pesquisa, e o ensinamento de que eu nunca devo parar sobre meus estudos em relação à construção de uma educação antirracista.

Agradeço também às pessoas que passaram por minha trajetória, durante a formação nesta especialização, professoras e professores dedicados a construir um saber que dialogue com a realidade da sala de aula. A toda a equipe que lutou por essa formação, para que ela fosse possível.

Um agradecimento especial para aquelas/es que me fazem estar, praticamente, todos os dias da semana, em uma sala de aula, alunes que me ensinam diariamente a importância da confiança, do se reinventar, do ser criativo, do ser afeto em espaços muitas vezes violentos, do ser amor.

À toda a minha família, amigas/os e colegas de trabalho, que sempre alegam meus dias da melhor forma possível, deixando tudo mais leve e trazendo combustível para que eu alcance o mundo!

RESUMO

É fenomenal o que um curta-metragem, um filme, um documentário ou até mesmo uma música conseguem fazer ao desencadear processos de reflexões e pensamentos, algo que no caso de uma aula expositiva de sociologia pode demorar bastante tempo. Esta pesquisa tem por objetivo a discussão de aspectos didático-metodológicos das artes visuais e da sociologia no trato de questões raciais do contexto brasileiro relacionados à tese do branqueamento. Como metodologia, fizemos um mapeamento de práticas e experiências dos dois campos, buscando assim identificar elementos que tornam possível a aproximação entre as disciplinas. Investigamos também os embasamentos teóricos sobre a tese do branqueamento, e sobre análises e estudos do quadro “A Redenção de Cam”, para assim conseguirmos elencar os principais elementos e argumentos, a serem trabalhados em sala de aula. O fundamento teórico de todo este trabalho é a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa. A combinação entre a Sociologia e as Artes Visuais podem enriquecer a experiência educacional e contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais.

Palavras-chave: Ensino da sociologia; Ensino das artes visuais; Tese do branqueamento.

ABSTRACT

It's amazing what a short film, a movie, a documentary or even a song can do in triggering processes of critical reflection, something that in the case of a sociology lecture can take a long time. This research aims to discuss didactic-methodological aspects of teaching visual arts and sociology, dealing with racial issues in the Brazilian context related to the whitening thesis. As a methodology, we mapped practices and experiences from both fields, seeking to identify elements that bring the disciplines together, as well as those that distance them. We also investigated the theoretical foundations of the whitening thesis, and analyzed the painting "The Redemption of Cam", so that we can list the main elements and arguments to be worked on in the classroom. The theoretical foundation of all this work is the Triangular Approach, by Ana Mae Barbosa. The combination of Sociology and Visual Arts can enrich the educational experience and contribute to the development of essential skills and competencies.

Keywords: Teaching sociology; Teaching visual arts; Whitening thesis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Etapas da pesquisa bibliográfica
- Figura 2 A Redenção de Cam de Modesto Brocos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CEEAV	Curso de Especialização em Ensino das Artes Visuais
CHS	Ciências Humanas e Sociais
CNE	Conselho Nacional de Educação
EBA	Escola de Belas Artes
EM	Ensino Médio
LGG	Linguagens e suas Tecnologias
SEE	Secretaria Estadual de Educação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA E DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	17
2.1 UMA LUTA CONSTANTE POR ESPAÇOS NOS CURRÍCULOS	17
2.2 PRÁTICAS EM CONJUNTO ENTRE O ENSINO DAS ARTES VISUAIS E DA SOCIOLOGIA	21
3. A REDENÇÃO DE CAM E A TESE DO BRANQUEAMENTO	28
3.1 A TESE DO BRANQUEAMENTO: O CONTEXTUALIZAR	28
3.2 A REDENÇÃO DE CAM: O LER	32
3.3 QUANDO A ARTE E A SOCIOLOGIA SE ENCONTRAM: O CONTEXTUALIZAR	36
4. PROPOSTA DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA: O FAZER	39
5. DISCUSSÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS	44

Não existe imagem simples. Qualquer imagem cotidiana faz parte de um sistema, vago e complicado, pelo qual habito o mundo e graças ao qual o mundo me habita
Jean-Luc Godard, Aqui e alhures (1974).

1. INTRODUÇÃO

Em 2015 inicio o trabalho de lecionar sociologia na educação básica, uma jornada muito importante para mim. Contudo, desde 2012 eu venho trabalhando com produção cultural, com a elaboração de projetos culturais¹, e inclusive o acompanhamento de projetos na área. As artes e a cultura, de uma forma em geral, sempre foram ferramentas que me chamaram muito a atenção também pelo seu papel educacional. É fenomenal, por exemplo, o que um curta-metragem, um filme, um documentário ou até mesmo uma música conseguem fazer ao desencadear processos de reflexões e pensamentos, algo que no caso de uma aula expositiva de sociologia pode demorar muitas aulas. Ao mesmo tempo, as artes também podem ser de grande relevância para atrair a atenção das/os estudantes, tornando uma aula de sociologia mais interessante e dinâmica.

Entretanto, durante a minha formação como professor de sociologia, houve poucos momentos dedicados ao desenvolvimento de habilidades e/ou provocações para que possamos construir aulas utilizando como ferramentas as artes. Mesmo com esse grande déficit em minha formação, sempre busquei conhecer e aprender sobre técnicas artísticas que pudessem ser levadas para a sala de aula, além de tentar, constantemente, trabalhar com as artes no ambiente escolar.

Esta pesquisa, pré-requisito da especialização em Ensino de Artes Visuais, se deu exatamente nessa tentativa de conhecer melhor peças artísticas que pudessem ser utilizadas nas minhas aulas de sociologia, e assim alinhar o ensino da sociologia junto às Artes Visuais.

Um dos objetivos com essa monografia é que ela possa ser útil para professoras/es de Sociologia e/ou Artes na construção de um ciclo de aulas cujo objetivo é discutir, por meio das Arte Visuais, tal qual “A Redenção de Cam”, do espanhol Modesto Brocos aqui proposto, temas relacionados às questões étnico-raciais brasileiras. Uma importante contextualização sobre um pedaço da nossa história em que teorias eugenistas, ou seja, de valorização e construção de um

¹ Em relação aos projetos culturais, tenho trabalho principalmente em duas frentes: o Mapeando Minha Quebrada e o Brota Cultural! O Mapeando Minha Quebrada é um projeto desenvolvido durante as aulas de sociologia, em que os estudantes são convidados a fazer um mapeamento de todas as ações culturais do território onde moram, e assim fazer os registros em um mapa a ser compartilhado com a comunidade. Outro projeto é o Brota Cultural!, que trabalha com a ideia de “formação de plateia”, apresenta aos estudantes da educação pública os principais espaços culturais da cidade de Belo Horizonte, como cinemas e teatros, e assim proporcionando vivências que dificilmente teriam a partir da sua realidade.

discurso de que a raça branca era superior a raça negra, foram, e ainda são utilizadas como justificativa para o apagamento dos sujeitos e/ou cultura negra.

Vale lembrar que tal ideologia se dá a partir de um debate em que raça se pauta numa perspectiva biológica, em outras palavras, pessoas negras e brancas seriam de diferentes espécies de seres humanos. Mesmo não sendo uma ideologia circulante apenas no Brasil, como veremos adiante, o que se pode observar é que em nosso país há reverberações dessas representações, interpretações e construções que se fazem em todo o mundo sobre a pessoa negra.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano, nos chama a atenção para o fato de que a construção social do conceito de raça se deu, ainda, no período das colonizações, sendo esta fundamental para os interesses comerciais e sociais da época:

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica: o eurocentrismo. (Quijano. 2005, p. 227)

Ou seja, o conceito de raça, como classificação do outro e como justificativa para exploração, se amplia a partir do momento em que os europeus se lançam aos mares e iniciam seu contato com povos nunca antes vistos, construindo assim uma relação de poder e de dominação. Essas diferenças, em um primeiro momento, são apontadas por características fenotípicas além daquelas que o europeu estava acostumado e, de certa maneira, hierarquiza os indivíduos a partir dos seus corpos. Essa perspectiva constrói uma visão de mundo, uma forma de representação e classificação social, epistemológico e inclusive pedagógico (Gomes, 2012), pautando assim como se dará o relacionamento entre europeus e pessoas do novo mundo:

O imperialismo europeu foi, desde o começo, um encontro violento com hierarquias preexistentes de poder que tomou forma não como um desdobramento de seu próprio destino, mas como interferência oportunista e desordenada com outros regimes de poder. (McClintock, 2010, p.21)

Como veremos mais a adiante, a ideia do indígena e do negro se misturam muitas vezes, por meio de pinturas e relatos, como o selvagem, animalizado, diferente da imagem do ser humano “civilizado” europeu.

Atualmente, o conceito de raça é trabalhado pelas Ciências Sociais como uma construção social, ou seja, relações sociais e econômicas construídas pelos seres

humanos, durante séculos, baseado em aspectos como a cor da pele, etnia, origem geográfica, religiosa... Stuart Hall, nos chama a atenção para o fato de que raça é

uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (Hall, 2003, p. 69)

No Brasil, o Movimento Negro ressignifica a categoria de raça no sentido de legitimá-la politicamente como identidade. Na compreensão positiva e afirmativa ser negro se torna uma potência ao refutar as ideias de inferioridade atribuída a esse grupo, discutindo a diferenciação como caminho para romper e desconstruir ideias subalternizantes das culturas/identidades negra (Gomes, 2012).

Esse debate sobre a construção do conceito de raça se faz necessário já na introdução, para que vocês leitoras/es compreendam os passos seguintes, uma vez que raça será um termo bastante utilizado durante todo o trabalho.

Em relação à nossa metodologia, buscamos ferramentas que pudessem nos auxiliar, mas ao mesmo tempo que não nos limitasse, que de fato fizessem parte da pesquisa, no intuito de construir um trajeto para atingir nossos objetivos.

A palavra pesquisa tem origem no termo *perquirere*, referindo-se à perquirir, no sentido de investigar, per- prefixo que significa em direção para a frente, e o verbo *querere*, que quer dizer consultar, indagar ou procurar. Quando falamos, especificamente em relação a pesquisa dentro do campo das Artes Visuais, Lúcia Pimentel (2015) nos chama a atenção para dois possíveis caminhos: a pesquisa em Arte e a pesquisa sobre Arte: *A pesquisa em Arte tem como objeto uma ação em que @ próprio@ pesquisador@ está atuando.* (Pimentel, 2015, p. 90)

Dessa forma, a autora deixa explícito a importância de que dentro das Artes, a metodologia torna-se um fator fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, sendo ela o caminho, e ao mesmo tempo, o próprio instrumento de pesquisa. A pesquisa em arte possibilita a/ao pesquisadora/or vivenciar e criar seu estudo a partir de um elemento em que ela/e está debruçada/o, seja no desenvolvimento de uma nova técnica artística, por exemplo, na criação de uma vivência, no desenvolver de um material, etc. Já a pesquisa sobre a arte convida a pessoa pesquisadora a pensar sobre o detalhamento e a descrição de uma obra de arte, um processo, ou um produto

cultural associado ao mundo das artes. Marta Facco, Tharciana Goulart e Jocielle Lampert (2017) ainda destacam que:

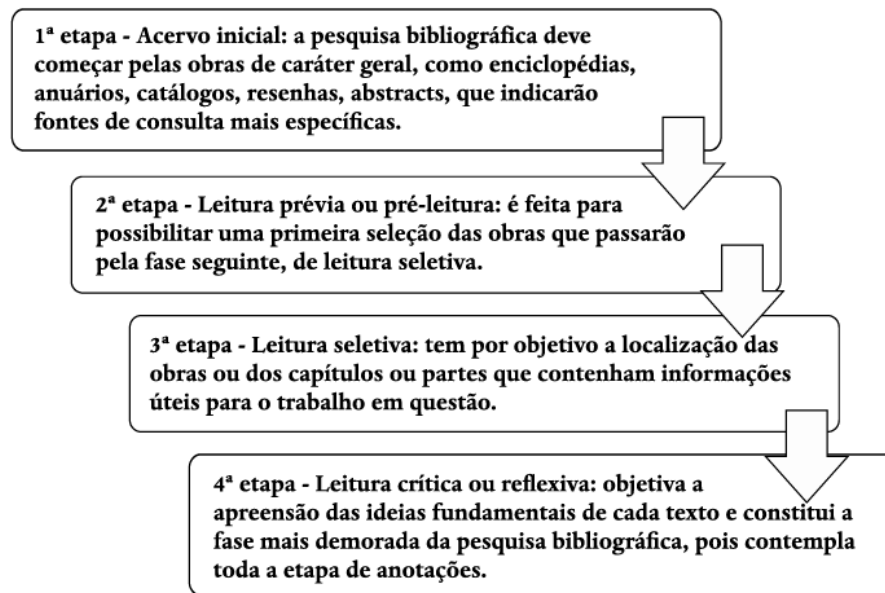
Compreende-se que a pesquisa sobre Arte também tem eixo gerador no sentido de que o pesquisador ancora seu conhecimento em determinado momento/estudo. No entanto, é o que ele produz (como produto final, seja uma obra, ou uma aula, ou um projeto), que nos interessa como pesquisa em Arte. (Facco, Goulart & Lampert, 2017, p.4164)

Dito isso, vale destacar que as pesquisas em artes possibilitam uma metodologia com o uso de diferentes linguagens, inclusive poéticas, visuais, performáticas, literárias ou musicais, as quais não seriam muito bem vindas na maior parte das outras áreas de pesquisa, como as Ciências Exatas e Biológicas, por exemplo.

Expandir as metodologias de pesquisa e reflexão possibilitam modos ampliados de conceber, pensar e significar a pesquisa, surgindo novas relações e análises, potencializando assim todo o processo. No caso da nossa pesquisa, entendemos que o melhor caminho para a investigação sobre o Ensino das Artes Visuais, junto ao Ensino da Sociologia, seja fazer uma varredura e mapeamento de práticas e experiências dos dois campos, buscando assim identificar elementos que aproximam as disciplinas, como também aqueles que as distanciam. É importante também conhecermos os embasamentos teóricos sobre a tese do branqueamento, e sobre análises e estudos do quadro “A Redenção de Cam”, para assim conseguirmos elencar os principais elementos e argumentos a serem utilizados. A metodologia que responde melhor às nossas necessidades está na Revisão Bibliográfica. Para Gilberto de Andrade Martins e Carlos Renato Theóphilo (2016), a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo. (Martins, Theóphilo, 2016, p. 52)

Figura 1 Etapas da pesquisa bibliográfica



(Soares; Picolli,; Casagrande, 2018, p.13)

Seguindo as etapas de pesquisa bibliográfica apresentadas por Soares, Picolli e Casagrande (2018), iniciamos o nosso trabalho com uma busca geral na plataforma Google Acadêmico com as seguintes palavras chaves: Ensino das Artes Visuais, Ensino da Sociologia, Ensino das Artes Visuais e Sociologia, tese do branqueamento, Redenção de Cam. A partir dos textos mais recentes, fizemos uma leitura dos resumos para assim entender as temáticas que mais se relacionavam com a nossa pesquisa. E assim, fizemos a leitura e fichamento dos textos.

Em um segundo momento fizemos também uma seleção dos conteúdos apresentados no Curso de Especialização em Ensino das Artes Visuais (CEEAV), para assim acessar materiais já trabalhados e discutidos durante as aulas da especialização. Em um terceiro momento, o orientador André Sousa indicou algumas leituras, a partir do desenvolvimento do trabalho.

Cabe destacar que fez parte também desta pesquisa toda a minha experiência como professor de sociologia, que sempre encontrou nas Artes uma forma de trabalhar temáticas sociológicas a fim de atrair mais a atenção de estudantes e que ampliasse os debates sem as violências associadas a eles. Durante a minha trajetória, sempre trabalhei em escolas de periferias da cidade do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, ou com populações marginalizadas, como um cursinho popular para pessoas transgêneras, lugares onde a violência sempre esteve muito presente nos relatos de estudantes.

É indispensável, nestes ambientes, chamar a atenção para o fato de que as violências vivenciadas estão relacionada não aos indivíduos em si, ao perigo que elas e eles representam, mas como seus corpos são vistos pela sociedade. Esse movimento pode ser feito de diversas formas, contudo, é preciso cuidado com a linguagem/maneira utilizada, pois estudantes muitas vezes não detêm das ferramentas emocionais necessárias para lidar com tais questões, sendo que minhas aulas, ao invés de auxiliar, podem gerar muitos sofrimentos.

Porém, cabe dizer que quando eu trazia temas polêmicos e que poderiam ser violentos para estudantes, muitas vezes, um ou outro, trazia para o debate uma música ou um filme que representava aquilo que eu estava falando, assim como um *slam*, ou uma *sketch* de teatro, um poema, grafite ou quadro, sempre algum elemento artístico que, de alguma forma, representava aquilo que era debatido, mas que a arte transforma em algo mais “palatável”. E isso me mostrou o caminho mais adequado para se trabalhar o tema. Em um cursinho popular, por exemplo, quando eu estava falando sobre violência policial, uma estudante fez questão de apresentar uma música que denunciava o que os moradores de uma favela do Rio de Janeiro vivenciava, e assim todos os estudantes se engajaram trazendo outras músicas, e dessa forma foi possível debater um tema tão sensível a todos eles, discutindo e contextualizando as músicas, suas letras, histórias e biografias das/os cantoras/es, e ao mesmo tempo aprofundar em conceitos como violência física, psicológica, moral, monopólio da força, entre outros tópicos importantes para a sociologia.

Outra questão é o meu lugar de fala como professor/mediador, homem branco, cisgênero, classe média, que não vivencio a realidade do dia a dia dos meus estudantes. Quando vou falar sobre temas como transgeneridade, sempre busco um texto, poema, vídeo ou música que transmita o conteúdo, assim eu não corro o risco de assumir um lugar ao qual eu não pertencço e evito falar qualquer absurdo que possa ser violento para estudantes transgêneros.

Toda essa experiência com o uso das Artes em sala de aula me trouxe vivências importantes, saberes e o despertar, e de alguma forma é também a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa.

A última etapa consistiu na análise das informações coletadas na revisão bibliográfica e escrita da monografia, buscando o aprofundamento crítico a partir das leituras realizadas.

Entendemos que como objetivo geral, temos a discussão de aspectos metodológicos do ensino de sociologia associados com das Arte Visuais, no qual, nosso foco neste trabalho, se apresentem temas relacionados à tese do branqueamento no Brasil. Diante do exposto, têm por objetivo geral a discussão de aspectos didático-metodológicos das artes visuais e da sociologia no trato de questões raciais do contexto brasileiro relacionados à tese do branqueamento.

Para cumprirmos o nosso objetivo geral, entendemos que é importante:

- Levantar material bibliográfico sobre o ensino de Arte e de Sociologia no contexto educacional brasileiro do Ensino Médio.

- Discutir sociopoliticamente a tela *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos.

- Dimensionar desdobramento de práticas educativas para a educação básica.

Sobre a organização dos capítulos, no primeiro explicito os motivos pelos quais essa pesquisa se faz importante para professoras/es de Artes e Sociologia, no Ensino Médio, apresento também a metodologia, explicitando as ferramentas utilizadas para a construção desta pesquisa, e sobretudo, apresento os objetivos com os quais buscamos atingir com o texto e com a aula sugerida.

No capítulo seguinte, faço uma análise de alguns textos sobre trabalhos desenvolvidos entre sociologia e artes, de forma a inspirar e nos guiar na construção de uma proposta pedagógica.

No capítulo três apresenta-se a tela *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos, os debates acerca da tese do branqueamento, assim como também uma contextualização social e política da pintura, ou seja, uma explicação da tese, no qual o quadro de Brocos é um elemento extremamente racista, de instrumentalização dessa tese. Você vai reparar que em cada um dos subtítulos exploramos um dos eixos da Abordagem Triangular: o apreciar, o contextualizar e o fazer, direcionando o olhar da/o leita/or para essa perspectiva.

No capítulo quatro, apresentamos uma proposta de atividade realizada em sala de aula, utilizando como metodologia as Oficinas Pedagógicas.

No capítulo cinco fazemos uma discussão final, não de conclusão, mas indicativos importantes que foram debatidos durante o texto e que podem ser úteis para profissionais da das artes e da sociologia que desejam unir as duas disciplinas. Por fim, a Bibliografia, com as referências utilizadas para este trabalho.

2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA E DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

2.1 UMA LUTA CONSTANTE POR ESPAÇOS NOS CURRÍCULOS

A Sociologia é uma disciplina que constantemente precisa disputar espaços no Ensino Médio. Seu histórico de implementação é recente, apenas em 2006 houve sua obrigatoriedade por meio do Parecer CNE/CEB nº 38/2006, homologado pelo, então, Ministro da Educação e Cultura, Fernando Haddad. Cabe destacar que se trata de uma disciplina que fora retirada do currículo e retornou em diversos momentos.

Esse histórico do ensino da Sociologia no Ensino Médio Brasileiro construiu um percurso que dificultou a produção de metodologias e materiais pedagógicos para a disciplina. O Ensino da Sociologia, utilizando produções das Artes Visuais é um campo, por exemplo, que pode e precisa ser bastante explorado e, por isso, essa pesquisa se torna tão relevante. A união entre essas duas áreas é de extrema importância para a formação integral das/os estudantes. Ambas as disciplinas possuem características complementares que podem enriquecer a experiência educacional e contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais.

Em relação ao ensino das Artes no Brasil, uma de suas principais marcas se relaciona com o processo de colonização, com a implementação de uma leitura e produção artística elitista, que desconsiderou, durante muitos anos, uma produção brasileira. A primeira experiência do Ensino das Artes se dá por meio da Missão Francesa, que desembarca no Brasil com uma comitiva de profissionais franceses, que traziam a “vanguarda europeia”, o Neoclassicismo.

Nas escolas secundárias particulares para meninos e meninas, imperava a cópia de retratos de pessoas importantes, de santos e a cópia de estampas, em geral europeias, representando paisagens desconhecidas aos nossos olhos acostumados ao meio ambiente tropical. Estas paisagens levavam os alunos a valorar esteticamente a natureza européia e depreciar a nossa pela rudeza contrastante. (Barbosa & Coutinho, 2011, p.8)

De forma mais ampliada, as Artes entram no currículo da Educação Básica por meio das aulas de desenho, com o objetivo de preparar uma mão de obra aos desenhos industriais, seguindo modelos norte-americanos educacionais. Contudo, apenas em 1970 a Educação Artística passa a ser obrigatória no ensino formal,

marcado por uma perspectiva bastante influenciada pelo tecnicismo e polivalência, ou seja, o ensino da Música, Artes Visuais, Teatro e outras Artes em uma mesma aula, exigindo, teoricamente, uma ampla formação de professoras/es da área (Barbosa & Coutinho, 2011), contudo o ensino de desenho, pintura, artesanato e produção de lembrancinhas em datas comemorativas era a prática educativa predominante.

Assim como a Sociologia, o ensino das Artes também se mostra em constante disputa por espaço nos currículos e práticas educativas ao lutar para que seja uma disciplina efetiva no ensino e processo de formação das/os estudantes, no qual possibilite e fomente a reflexão e o pensamento crítico da realidade com a qual lidamos cotidianamente.

Vale destacar que, no currículo oficial mais recente que temos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o Ensino Médio, o Ensino das Artes, assim como da Sociologia, perde espaço entre as disciplinas obrigatórias, o que compõe a Formação Geral Básica, e passa a fazer parte do que é chamado de Itinerários Formativos. Ou seja, tornam-se disciplinas que se articulam e são ofertadas a partir da demanda de estudantes, e mais especificamente, a partir do que a escola consegue oferecer, estudantes não obrigatoriamente precisam cumprir tais matérias. Em Belo Horizonte, por exemplo, uma grande rede de ensino particular retirou da 1ª e 2ª série do Ensino Médio, logo após a aprovação da nova BNCC, o Ensino das Artes, e da 1ª série o ensino da Filosofia. Na rede pública de Minas Gerais, durante os anos de 2021 e 2022 também presenciamos a retirada de algumas disciplinas do currículo. Cabe a cada rede de ensino, seja ela particular ou pública definir seu currículo, possibilitando ou não o ensino de determinadas disciplinas.

Outra questão importante, que a nova BNCC nos apresenta, é que um profissional formado em determinada área de ensino, como as Ciências Humanas, tem a autorização para lecionar todas as outras disciplinas de sua área. No caso da Sociologia, a disciplina compõe a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, junto de História, Geografia e Filosofia. Isso quer dizer que um mesmo profissional está “habilitado” a lecionar todas essas matérias, de acordo com as habilidades definidas pela BNCC. Mais uma vez cabe lembrar que essas são diretrizes gerais, mas que cada estado deve gerir da forma como achar melhor, dentro de sua realidade. O estado de Minas Gerais, por exemplo, em seu currículo (Resolução SEE Nº 4.777, 13 de setembro de 2022) define a necessidade de que o profissional seja habilitado para as disciplinas, que já compunham a grade curricular: Matemática, Física,

Química, Biologia, Língua Portuguesa, Inglês, Educação Física, Artes, História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Contudo, para as novas disciplinas que vieram a integrar o currículo, qualquer profissional da área poderia assumir a disciplina. Ou seja, como dito anteriormente, o que queremos apontar com todos esses desdobramentos da BNCC, do Novo Ensino Médio e dos currículos é a disputa por espaço e por um lugar diante das/os estudantes, um confronto que envolve questões políticas importantes dentro da formação da sociedade brasileira.

Para a BNCC, a sociologia é compreendida como uma ciência que deva fornecer saberes para as/os estudantes no sentido de compreender melhor os fenômenos sociais, compreendendo a sociedade como:

A sociedade, da qual faz parte o indivíduo, consiste em um grupo humano, ocupante de um território, com uma forma de organização baseada em normas de conduta responsáveis por sua especificidade cultural. Na construção de sua vida em sociedade, o indivíduo estabelece relações e interações sociais com outros indivíduos, constrói sua percepção de mundo, atribui significados ao mundo ao seu redor, interfere e transforma a natureza, produz conhecimento e saberes, com base em alguns procedimentos cognitivos próprios, fruto de suas tradições tanto físico-materiais como simbólico-culturais. A forma como diferentes sociedades estruturam e organizam o espaço físico-territorial e suas atividades econômicas permite, por exemplo, reconhecer os diversos modos como essas sociedades estabelecem suas relações com a natureza, incluindo-se os problemas ambientais resultantes dessas interferências. (Brasil, 2017, p.553)

Já no caso das Artes, a disciplina faz parte da área de Linguagens e suas Tecnologias, junto de disciplinas como Educação Física, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Contudo, aponta-se para um ensino que, de fato, trabalhe uma formação cidadã, relacionando de forma crítica e problematizadora a maneira como as manifestações culturais se apresentam na contemporaneidade:

Esses processos criativos devem permitir incorporar estudo, pesquisa e referências estéticas, poéticas, sociais, culturais e políticas, para criar novas relações entre sujeitos e seus modos de olhar para si e para o mundo. Eles são, portanto, capazes de gerar processos de transformação, crescimento e reelaboração de poéticas individuais e coletivas. No decorrer desses processos, os estudantes podem também relacionar, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, mercado e consumo. Podem, assim, aprimorar sua capacidade de elaboração de análises em relação às produções estéticas que observam/vivenciam e criam. (BNCC, 2017, p.474)

Por isso, me parece que a união do ensino da Sociologia com o ensino das Artes Visuais é de extrema importância para a formação integral dos estudantes. Ambas as disciplinas possuem características que podem se complementar e têm potencial de enriquecer a experiência educacional, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais.

A Sociologia no Ensino Médio é uma disciplina que estuda as relações sociais, os grupos humanos, as instituições e as dinâmicas sociais presentes na sociedade, buscando compreender como as interações entre indivíduos e estruturas sociais influenciam as ações humanas e a construção da realidade social. Ela promove uma formação voltada à análise crítica e reflexiva sobre questões sociais, desigualdades, identidades, poder, cultura e transformações sociais.

As Artes Visuais, por sua vez, englobam diversas formas de expressão artística, como pintura, escultura, desenho, gravura, fotografia, entre outras. Essas formas de expressão artística permitem a criação de obras que captam e comunicam ideias, emoções, questões sociais e culturais. As Artes Visuais estimulam a criatividade, a sensibilidade estética, a percepção visual e a expressão individual, aliada ao pensamento crítico.

Quando o ensino da Sociologia é integrado ao ensino das Artes Visuais, diversos benefícios podem ser observados. Em primeiro lugar, a Sociologia contribui para a ampliação do repertório cultural e artístico dos estudantes. Ao compreender as questões sociais, os estudantes podem desenvolver uma visão crítica sobre as obras de arte, entendendo os contextos históricos, políticos e sociais em que foram produzidas. Isso permite uma apreciação mais profunda e uma interpretação mais rica da arte. As duas disciplinas têm em comum o estímulo ao pensamento crítico e à reflexão. Através da análise sociológica e da apreciação artística, os estudantes são incentivados a questionar, problematizar e debater questões sociais relevantes. Eles aprendem a formular argumentos embasados, a analisar diferentes perspectivas e a desenvolver sua capacidade de expressão oral e escrita.

A integração das disciplinas também pode favorecer o desenvolvimento da empatia e da consciência social. Ao estudar as representações artísticas de diferentes grupos sociais, os estudantes são convidados a se colocarem no lugar do outro, a compreender as vivências e os desafios enfrentados por pessoas de diferentes origens e contextos sociais. Isso promove uma maior compreensão das diversidades e contribui para a formação de cidadãos mais tolerantes, inclusivos e engajados.

Ademais, a combinação entre as Ciências Sociais com as Sociologia e Artes Visuais favorece a interdisciplinaridade e a conexão entre diferentes áreas do conhecimento. As duas disciplinas se complementam, proporcionando uma visão mais ampla e integrada do mundo. Através da interação entre conceitos sociológicos e produções artísticas, as/os estudantes podem explorar diferentes dimensões da realidade e compreender como elas se entrelaçam.

Em linhas gerais, a união do ensino da Sociologia com o ensino das Artes Visuais contribui para a formação de indivíduos mais críticos, sensíveis e conscientes do seu papel na sociedade. Os/as estudantes desenvolvem habilidades cognitivas, emocionais e sociais essenciais, que são fundamentais para sua formação como cidadãos ativos e participativos.

A forma como desenvolvemos todo este debate se dá através do estudo de uma pintura, a Redenção de Cam, do espanhol Modesto Brocos. Uma peça artística muitas vezes tratada como uma obra de arte, mas que durante a nossa pesquisa preferimos tratá-la como um *discurso visual*, por toda a sua violência, apresentando importantes elementos artísticos, mas que carrega uma argumentação bastante perigosa e racista, que será intensamente explorada durante o nosso texto.

É, então, minha proposta estabelecer um diálogo entre a Sociologia e as Artes Visuais no contexto escolar, sobretudo pensando um projeto educacional, como um todo, ao trazer para a sala de aula a realidade de cada indivíduo e relacioná-la com o saber que lhe é apresentado e construído.

Não podemos nos esquecer de que a arte é uma importante forma para entender, problematizar, articular, criticar e transformar o mundo - e não o reflexo ou representação do mundo - e, portanto, intrinsecamente relacionada, parafraseando Paulo Freire, à construção ética, estética, e justa da sociedade. (Marques, 2010, p. 59)

Propomos, com este trabalho, que as questões sociais contemporâneas sejam também matéria prima para o ensino das Artes, e vice-versa. As artes são resultados de constructos sociais. Fazendo, criando, apreciando e contextualizando as artes é que as questões sociais são abordadas, e não separadamente (MARQUES, 2010).

2.2 PRÁTICAS EM CONJUNTO ENTRE O ENSINO DAS ARTES VISUAIS E DA SOCIOLOGIA

Esta seção procura apresentar uma perspectiva histórica sobre o Ensino da Sociologia e das Artes Visuais na Educação Básica, além de discutir práticas que, de

alguma forma, já nos mostram a interdisciplinaridade entre as duas disciplinas. Dessa forma, procuramos trazer ferramentas que serão úteis para o que se propõe essa pesquisa: a discussão de aspectos didático-metodológicos das artes visuais e da sociologia no trato de questões raciais do contexto brasileiro relacionados à tese de branqueamento.

Para compreendermos melhor sobre o encontro do ensino da sociologia e das artes visuais, ficou evidente desde o início da nossa pesquisa a importância em investigar sobre experiências que se propuseram a objetivos semelhantes aos nossos. Para isso, fizemos uma pequena revisão na bibliografia existente.

Em uma primeira investigação na internet, na busca sobre artigos relacionados ao tema, alguns textos foram localizados, não especificamente com o mapeamento de práticas do Ensino das Artes Visuais em conjunto com o Ensino da Sociologia ao Ensino Médio. Contudo muitos relatos comentando sobre o uso de determinadas técnicas das Artes Visuais e ao mesmo tempo destacando a possibilidade e a importância do uso das Artes nas aulas de Sociologia.

Uma das práticas localizadas foi o uso de fotografias. O professor e pesquisador Cristiano Bodart apresentou, em seu texto “Como usar fotografia em aulas de Sociologia”, publicado no blog “Café com Sociologia”, um plano de aula sobre o uso de fotografias nas aulas. Ele destacou que as fotos são ferramentas para sensibilizar estudantes sobre determinado tema da aula, assim como também ilustrar, ou seja, estimular que observem na prática questões tratadas teoricamente, e provocar reflexões subjetivas. A atividade consiste basicamente na/o professora/or determinar temas das aulas de sociologia para que estudantes busquem imagens/fotografias que os representem (Bodart, 2022).

Outra prática foi relatada por Maria Teixeira, Abenizia Barros e Francisco Rodrigues no texto “Artes Visuais como recurso didático nas aulas de Sociologia na Educação Básica”. As/os autoras/es destacam que o uso das artes visuais foi motivado para que as aulas pudessem extrapolar as aulas tradicionais. A proposta é a análise de duas obras de Artes Visuais, dois quadros: *O Piquenique* e *Índio na Canoas*, as duas obras do artista Clovis Huguiney Irigaray, um artista da região onde os autores da pesquisa residem: Mato Grosso. Os conceitos trabalhados pela Sociologia a partir dessas duas obras foram: Cultura, Etnocentrismo e Alteridade. Esse texto é importante por fazer um amplo debate sobre o uso das Artes Visuais nas aulas de sociologia, destacando seus potenciais e incentivando a todos/as os/as

profissionais da sociologia a recriarem aulas que se alinhem também com estratégias do Ensino das Artes Visuais (Teixeira & Rodrigues, 2016).

Já, as pesquisadoras Beatriz Ferreira, Ana Vieira, Bianca Perez, Sandra Leite e Tayná Mesquita (2019) apresentaram em seu texto “Ensino de Sociologia na Modalidade EJA e Educação Não Formal – Uma experiência do curso de Educação e Arte do Projeto Educativo de Integração Social” o resultado de uma formação com professoras/es a partir da apresentação de diferentes expressões artísticas (recursos audiovisuais, obras de artes plásticas, reportagem de jornais e revistas, relatos pessoais, letras de músicas), para a discussão sobre os Direitos Humanos. Apesar de o texto não apresentar uma reflexão sobre a prática metodológica utilizada, ele apresenta importantes recursos que possam ser utilizados para o debate dos Direitos Humanos, além de descrever e exemplificar sobre o uso de Artes Visuais nas aulas. (Ferreira, 2019.)

Já o artigo “Práticas de ensino de sociologia no Paraná” das pesquisadoras Maiara Pereira Barros e Camila Menoncin (2017) foi excelente, não só por mostrar diversas práticas interessantes do uso das Artes nas aulas de Sociologia do Ensino Médio. Inicialmente as autoras contam sobre o processo de implementação do ensino da sociologia no Ensino Médio, destacando que determinados contextos políticos favorecem ou desfavorecem a permanência da disciplina no ensino médio. Em seguida, as autoras falam sobre a importância das artes na formação humana e após, apresentam diferentes práticas. Em linhas gerais, a pesquisa aponta a importância do uso das Artes para dinamizar as aulas de sociologia, tornando-as mais atraentes para estudantes do Ensino Médio. (Barros & Menoncin, 2017).

Contudo, quando analisamos experiências dentro das aulas de Artes, no Ensino Médio, que de alguma forma levam para a sala de aula experiências, vivências, habilidades ou elementos do Ensino da Sociologia, percebemos que há práticas bastante exitosas.

Antes de apresentar algumas práticas em si, cabe destacar que identificamos que dentre todas as experiências analisadas, houve um importante debate de valorização e construção de propostas descoloniais². E por assim ser, destaca a

² Os estudos decoloniais representam uma perspectiva teórica e metodológica a fim de desconstruir a lógica de que o saber e a ciência são e foram ferramentas exclusivas de culturas hegemônicas, como a europeia. Dessa forma, os estudos coloniais buscam apresentar a voz, os argumentos, e os saberes produzidos por pessoas periféricas, como Latinoamérica e os países africanos, além de questionar a lógica dicotômica categórica e hierárquica construída por uma ciência que tem servido ao capitalismo (Lugones, 2015). No campo das artes, decolonizar seria um movimento de desfocar na produção

cultura daquelas pessoas que constroem esse saber em sala de aula, buscando então pedagogias que sejam dialógicas, construtivistas e interculturais³. Dentro de uma perspectiva histórica e ideológica pós-moderna, um dos eixos para essa pedagogia se dá por meio da contextualização de uma obra de arte, por exemplo, e para que isso ocorra elementos históricos e sociais precisam ser apresentados, o que se relaciona com o Ensino da Sociologia. (BARBOSA & COUTINHO, 2011)

A professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, pensando a partir da descolonização do Ensino das Artes Visuais, e da democratização do acesso, inspirada também em reflexões freirianas de educação, sistematizou uma proposta, conhecida como Abordagem Triangular. Basicamente, o que se propõe é trabalhar o ensino das Artes Visuais por meio de três fundamentos: Ler, Fazer e Contextualizar, tendo como base o contexto e vivências da pessoa educanda (Barbosa, 1995).

Sobre o ler, também chamado de apreciar, compreende-se como olhar para uma obra e reconhecer nela elementos constitutivos, saber identificar o que está posto, como o uso de materiais, cores, formas, linhas, por exemplo. O ler deve ser interpretado junto ao contexto de criação da obra, como elementos históricos associados, desde a construção da/o artista enquanto tal, escolha da temática, que elementos sociopolíticos permitiram ou dificultaram a construção da obra, e assim em diante. Esses elementos se articulam com o fazer, ou seja, no incentivo e convite à criatividade da/o estudante, em se permitir construir um produto artístico (Silva, 2017).

Esses três elementos em conjunto, uma tríade, permitem que a/o estudante compreenda uma obra de arte e o fazer artístico por completo, podendo trazer, inclusive, para a sua realidade e permitindo, assim, que o contato com a arte seja um elemento libertador e favorecedor de autonomia, ampliando os horizontes de cada indivíduo.

Cabe destacar que nos estudos de Ana Mae Barbosa, ela identifica que durante o modernismo, o ensino das Artes estava distante de uma perspectiva crítica e

européia e buscar outras formas artísticas fora do continente europeu, e norte americano. Para se aprofundar no tema, indicamos a leitura do texto Rumo a um feminismo descolonial, da pesquisadora Maria Lugones.

³ Existem diversas formas de se falar sobre uma pedagogia intercultural, contudo, é importante marcar que se trata, especificamente na América Latina, de uma corrente bastante trabalhada pelos movimentos sociais na tentativa de se abrir e reconhecer as diferenças étnicas, culturais e linguísticas, aceitação das diferenças de forma positiva, com respeito mútuo, busca de reconhecimento e aceitação entre as novas formas de relação social e maior participação política das minorias sociais. Uma pedagogia intercultural reconhece as diferentes culturas e constrói currículos e práticas que contemplem toda essa diversidade em sala de aula, e promova sua interação (Candau, V. 2012).

reflexiva, ancorado em uma realidade que desconsiderava o contexto de quem participava do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a pesquisadora investe, inicialmente, em uma metodologia que o contexto do educando é tratado com relevância diante do conteúdo estudado. Ao passar do tempo, a própria autora chama a atenção de que a Abordagem Triangular não deve ser tratada como uma metodologia, uma vez que cada educadora/or tem seus métodos próprios, e devem ser respeitados uma vez que são esses profissionais quem melhor conhecem os limites e potencialidades próprias e de suas/seus estudantes, mas podemos entendê-la como um caminho possível para o ensino de artes (Barbosa, 1995).

Assim, o ensino da sociologia, como uma disciplina que tem propósito oferecer ferramentas para que as/os estudantes possam conhecer o contexto social, e a partir de análises críticas conseguir intervir de forma a melhorar o ambiente em que vivemos, nos parece que ela se conecta perfeitamente com o vértice do contextualizar, na Abordagem Triangular. Cabe ainda dizer que para Ana Mae Barbosa

A Abordagem Triangular, ela é uma coisa absolutamente imprescindível. Para viver no mundo, para estar no mundo, você tem que se contextualizar e contextualizar aquilo que você vive, aquilo que você conhece, enfim. Então, a gente vive dependendo dos contextos para tomar posição, e educação é contexto (Barbosa, entrevista pessoal, 16 de novembro de 2015 apud Silva, 2017).

Mirtes Marins de Oliveira (2010), na mesma linha, ainda reforça:

a ideia de que manifestação artística e contexto histórico são parte de um mesmo tecido, inseparáveis. [...] a história não é uma disciplina para fins instrumentais. Ela é parte constituinte de um todo, que é ele também histórico e cabe ao pesquisador, professor, mediador elaborar seu discurso a partir daí.[...] o mérito da Abordagem Triangular foi o de apontar para aqueles que tinham preocupações educacionais para o entendimento da história como estratégia. (Oliveira & Cunha, 2010, p. 46)

O Ensino da Sociologia, da História, Filosofia, Geografia, ou seja, o Ensino das Ciências Humanas, dão uma importante contribuição para o Ensino das Artes no que tange o desenvolvimento dos conteúdos e habilidades da disciplina e da área de conhecimento de Linguagens, podendo ter melhores aproveitamentos no eixo da contextualização, no tripé da Abordagem Triangular.

Isabel Marques (2010), pesquisadora do Ensino das Artes, mais especificamente da Dança, propõe em sua trajetória que o ensino de dança se estrutura em um tripé de vértices polifônicas e não hierárquicas: arte (conteúdos específicos da dança), ensino (relações dos conteúdos com os indivíduos-atores sociais) e sociedade (diálogo com o mundo em que os atores vivem). É neste terceiro

vértice que nos traz informações importante para a nossa pesquisa, nas palavras de Isabel:

Ao sugerir que o ensino de dança tenha como base a articulação e a rede de relações formada pelo tripé arte-ensino-sociedade, entendo também uma relação mais próxima e mais direta entre a arte, o ensino e as questões sociais contemporâneas. Não podemos nos esquecer de que a arte é uma importante forma para entender, problematizar, articular, criticar e transformar o mundo em que vivemos. (Marques, 2010, p. 59)

A Abordagem Triangular é um marco importante no Ensino das Artes, mas ao mesmo tempo, faz um convite para que o Ensino da Sociologia traga para dentro de sua prática, as Artes. Se Ana Mae Barbosa destaca que não existe arte sem história, sem o contexto social em que ela surge, o contrário também é verdade, não há como pensar sobre as relações humanas se distanciando das Artes.

Quando analisamos a BNCC, por exemplo, currículo oficial que define as habilidades e competências a serem trabalhadas dentro da sala de aula, a 1ª Competência Específica de Ciências Humanas e Sociais aplicadas para o Ensino Médio, nos diz sobre: analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. Tem se como uma de suas habilidades, EM13CHS103, na qual se destaca a elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos por meio de elementos como **expressões artísticas** (BRASIL, 2018). Ou seja, existe um reconhecimento que para o ensino das diversas disciplinas das Ciências Sociais Aplicadas, a arte deve estar considerada e objeto de estudo, porém, dentre as 31 habilidades apresentadas na área de Ciências Humanas, organizadas nas 6 competências específicas, as expressões artísticas são mencionadas apenas uma única vez, o que eu acho uma pena, pois essa relação poderia ser recorrida em outras oportunidades de formação no contexto da sociologia escolar; ainda temos muito o que avançar no currículo do Ensino das Ciências Sociais Aplicadas.

Quando fazemos este mesmo exercício e analisamos as competências e habilidades do Ensino das Artes na BNCC, do ensino médio, identificamos algumas habilidades que se comunicam diretamente com uma perspectiva em que a contextualização sociopolítica das linguagens artísticas ocorre. Cabe salientar que a

perspectiva apresentada para as Artes, no Ensino Médio, já a coloca como sendo uma disciplina cujo engajamento social é de extrema importância:

Esses processos criativos devem permitir incorporar estudo, pesquisa e referências estéticas, poéticas, sociais, culturais e políticas, **para criar novas relações entre sujeitos e seus modos de olhar para si e para o mundo**. Eles são, portanto, capazes de gerar processos de transformação, crescimento e reelaboração de poéticas individuais e coletivas. No decorrer desses processos, os estudantes podem também relacionar, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, mercado e consumo. Podem, assim, aprimorar sua capacidade de elaboração de análises em relação às produções estéticas que observam/vivenciam e criam. (BNCC, 2018, p.474, grifo nosso)

Dois habilidades se destacam, são elas:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), para compreender o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas e da cultura corporal do movimento às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica e econômica.

Ou seja, o currículo que orienta o trabalho do Ensino das Artes no Ensino Médio dialoga em diferentes frentes com o Ensino da Sociologia, e com a contextualização sociopolítica de diversas linguagens artísticas. Essa perspectiva possibilita formar alunos mais críticos, culturalmente sensíveis e capazes de compreender o papel vital que as artes desempenham na sociedade. Além de que essa abordagem ampliada contribui para uma educação mais rica e contextualizada, preparando as/os estudantes para compreender e participar ativamente do mundo ao seu redor, e assim transformá-lo.

3. A REDENÇÃO DE CAM E A TESE DO BRANQUEAMENTO

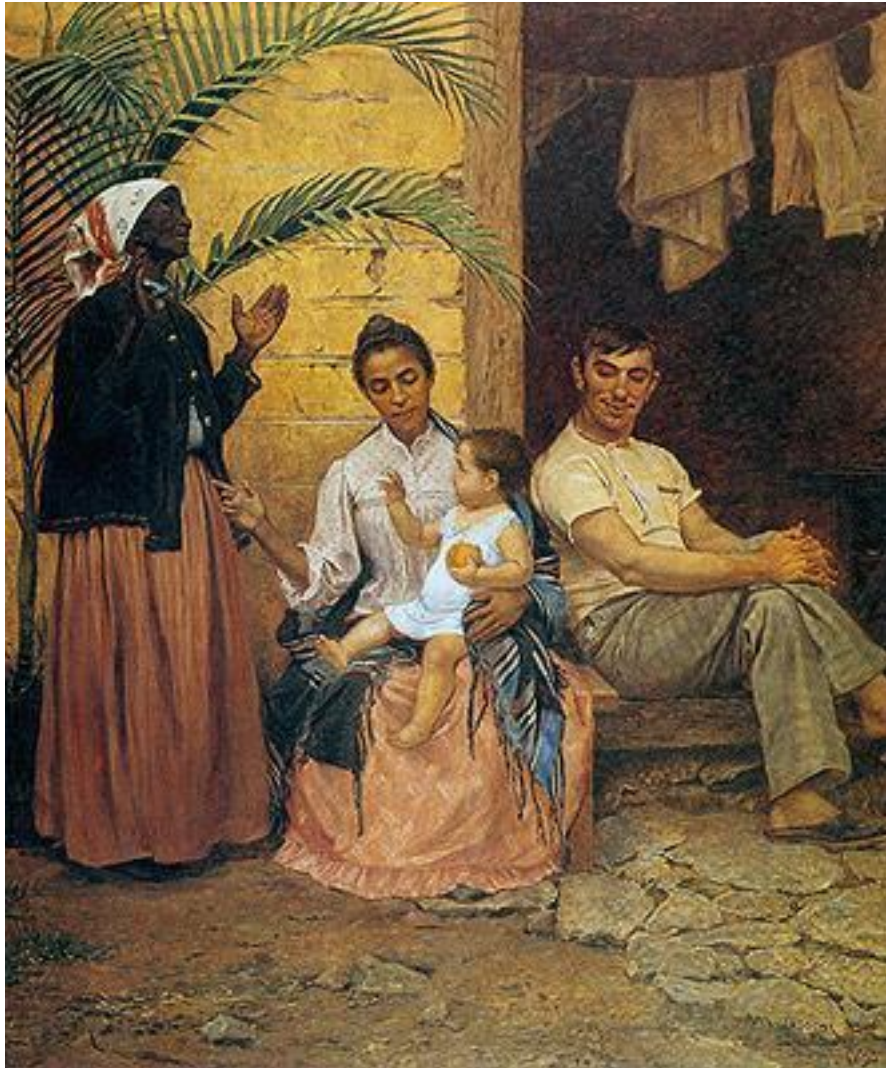


Figura 1: A Redenção de Cam, 1895
Modesto Brocos
Óleo sobre tela, c.i.d.
200,7 cm x 166,4 cm

3.1 A TESE DO BRANQUEAMENTO: O CONTEXTUALIZAR

Existem três correntes filosóficas muito caras à Sociologia, uma delas, inclusive, é um dos argumentos do início desta ciência: o Positivismo, as outras são o Determinismo biológico e geográfico e o Evolucionismo.

O Positivismo, cunhado pelo francês Augusto Comte, pode ser entendido como uma corrente que buscou trazer para a explicação dos fenômenos sociais, a metodologia científica. Se antes, a resposta para toda e qualquer pergunta sobre a sociedade era acionada através de Deus e da bíblia, a partir do contexto científico,

torna-se necessário buscar novas explicações, e como a metodologia científica se destacava, por que não explicar a sociedade por meio da ciência? E assim surge, o que Comte, inicialmente, chamou de “Física Social”. Os protocolos, métodos e toda a organização dos estudos na Física, Matemática, Química e outras ciências exatas, não só poderiam como deveriam ser incorporadas às análises sobre os fenômenos sociais. É a lógica de que para progredirmos enquanto sociedade, precisamos de ordem. A famosa frase: Ordem e Progresso, e ela, nós brasileiros/as conhecemos muito bem. (Da Silva, 2018)

Já os Determinismos biológico e geográfico versam sobre a biologia e a geografia determinarem a forma como os seres humanos se comportam. Se uma pessoa tem ou não a força e destreza para o desenvolvimento de alguma atividade ou comportamento, isso se deve à sua biologia, às características de seu corpo físico, como gênero e raça. Durante muito tempo, acreditou-se que existia um perfil específico de pessoas que pudessem cometer crimes, por exemplo, e este perfil estava associado às características físicas dos indivíduos.

Sobre o Evolucionismo, trata-se de uma corrente filosófica e científica que percebia a miscigenação entre diferentes raças como algo negativo, o cruzamento entre raças seria um erro, sendo a mestiçagem motivo de atraso e subdesenvolvimento social e econômico. O grande responsável por essa corrente foi Charles Darwin, que estabelece uma nova relação da natureza, em que os indivíduos mais fortes teriam maiores chances de sobrevivência, existindo assim indivíduos mais fortes ou mais fracos, uma lógica do pior e do melhor, de competição, evolução, que passou a ser utilizada não só na biologia, como na sociologia, antropologia, etc... (Da Silva, 2018). Em 1983, Francis Galton (1822-1911) cria o termo Eugenia, que tinha como objetivo nomear o processo de “construção” de uma raça pura e desenvolvida, desencorajando a reprodução humana entre diferentes raças (Schwarcz, 1993). A historiadora Nádia Da Silva destaca que: *Muitos adeptos dessas teorias mencionadas acreditavam que o bom desenvolvimento de uma nação seria consequência, quase imediata, de sua conformação racial pura (Da Silva, 2018, p.138)*. E para as pessoas que ocupavam importantes cargos sociais no Brasil fica claro que não havia lugar para as pessoas com fenótipos negros e indégns entre a pureza da população.

Clara Nunes, em 1976 publicou uma música, o Canto das Três Raças, que demonstrou bem o que foi encontro das três raças, em território brasileiro:

Ninguém ouviu / Um soluçar de dor / No canto do Brasil / Um lamento triste
 Sempre ecoou / Desde que o índio guerreiro / Foi pro cativo / E de lá cantou
 / Negro entou / Um canto de revolta pelos ares / Do Quilombo dos Palmares
 / Onde se refugiou / Fora a luta dos inconfidentes / Pela quebra das correntes
 / Nada adiantou / E de guerra em paz / De paz em guerra / Todo o povo dessa
 terra / Quando pode cantar / Canta de dor / Ô, ô, ô, ô, ô, ô (4x) / E ecoa noite
 e dia / É ensurdecedor / Ai, mas que agonia / O canto do trabalhador / Esse
 canto que devia / Ser um canto de alegria / Soa apenas como um soluçar de
 dor

Sendo o país construído a partir da mistura de três raças: brancos, pretos e indígenas, a interpretação de estudiosos e pessoas importantes na política era de que a miscigenação seria a causa de atrasos econômicos e sociais, sendo necessário assim, “purificar” a população brasileira. Arthur de Gobineau (1816-1882), diplomata, escritor e pesquisador francês, quando esteve no Brasil, afirmou que “o resultado da mistura é sempre um dano” (Schwarcz, 1993), elaborando assim o termo “degeneração de raça”, sendo a degeneração o resultado entre a mistura de espécies humanas diferente.

O Positivismo, o determinismo biológico/geográfico e o evolucionismo são correntes filosóficas e científicas que nos ajudam a compreender o porquê de existir uma tentativa no Brasil, de branquear sua população, ou seja, de oportunizar a “redenção de Cam”. Desde os anos finais da escravidão no Brasil, o governo já vinha tomando uma série de medidas que não só facilitaria a entrada de imigrantes brancos, como criava incentivo para que europeus chegasse às terras tupiniquins para construir suas vidas. Entre os incentivos estavam as condições especiais para a compra de terra, pagava as passagens de navio da Europa para a América, entre outros (Projeto Querino, 2022). E cabe lembrar que todo esse processo não foi pontual, persistiu por muito tempo e persiste até os dias atuais:

E, assim, pra você num achar que isso é algo que ficou lá no começo da República, ouve só essa história: Em 1982, na gestão do Paulo Maluf como governador de São Paulo, o governo estadual financiou a produção de um documento. O nome era: "O Censo de 1980 no Estado de São Paulo e suas curiosidades e preocupações". O texto trazia dados sobre o aumento da proporção da população parda e preta; ou seja, da população negra, e fazia um alerta: "A manter essa tendência, no ano 2000 a população parda e preta será da ordem de 60%, portanto muito superior à branca, e eleitoralmente poderá mandar na política e dominar postos-chave". Isso tava num documento produzido pelo governo de São Paulo. E é só mais um exemplo, e eu poderia literalmente passar horas aqui só exemplificando por que e como o projeto do Estado brasileiro desde o fim da escravidão e até hoje é acabar com a parcela negra da população. E, enquanto não der pra acabar com ela, no mínimo deixar ela sem participar da política. (Projeto Querino, 2022)

Todas essas teorias serviram de base para que as pessoas brancas e com recursos financeiros pudessem construir um discurso de que a miscigenação (mistura entre raças), no Brasil, era uma importante justificativa para o atraso e empobrecimento do nosso país. De acordo com esse grupo de pessoas, só alcançaríamos então patamares mais elevados internacionalmente, a partir do momento em que o país exterminasse sua população negra (pretos e pardos) e tornasse toda a sua população branca. Essa corrente de pensamento ficou conhecida como tese do branqueamento, literalmente uma teoria construída para explicar ao mundo a necessidade do extermínio de toda e qualquer raça que não fosse branca, para assim alcançar o “desenvolvimento”, e o Brasil já estava neste caminho:

Já as teses do branqueamento [...]se constituíram como um dispositivo de controle desorganizador dos grupos submetidos à subalternização racial [...]. As duas teses nunca se excluíram. Sempre foram mobilizadas em contextos espaço-temporais distintas para promover o extermínio da cultura e do povo negro. (De Oliveira, 2020, p.77-78.)

Em 1911 houve um evento em Londres, o Congresso Universal da Raça, em que o representante do estado brasileiro, o médico João Baptista de Lacerda, em frente a uma plateia de dezenas de pessoas discursa no intuito de comprovar que em 100 anos o Brasil seria um país apenas de brancos, ou seja, desenvolvido (Projeto Querino, 2023). E como prova daquilo que ele dizia, ele apresenta o quadro de Modesto Brocos, *A Redenção de Cam*. Sobre este congresso, aprofundaremos mais adiante. Mas aqui cabe comentá-lo, para reforçar a construção da tese do branqueamento, inclusive com discursos científicos, como citado anteriormente, e principalmente para mostrar que se trata de um discurso não de pequenos grupos sociais, mas do Estado brasileiro.

Lilian Schwarcz (1993) nos chama a atenção de que em diversos momentos o Estado brasileiro teve esse posicionamento, inclusive os institutos de pesquisa, referência nacional sobre a elaboração de teorias. O Instituto Histórico Geográfico, criado em 1838, apresentava como objetivo “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens em eventos até então dispersos” (SCHWARCZ, 1993, p. 129). Em 1839, o instituto lança Revista do IHGB, algumas de suas edições construíam uma visão preconceituosa das pessoas negras e/ou indígenas, os colocando como um empecilho à civilização.

O discurso, as práticas, a tese do branqueamento em si permearam em diversas esferas sociais, inclusive as artes, como nos mostra a próxima sessão.

3.2 A REDENÇÃO DE CAM: O LER

O quadro que abre esta sessão, nos mostra, em linhas gerais, uma família no quintal de casa. Destaca-se uma mulher negra, mais idosa, com as mãos direcionadas ao céu, como se agradecesse ou pedisse algo. Em contrapartida, uma criança branca, bem nova, sentada no colo de sua mãe, com uma fruta na mão, olhando para a mulher negra. O pai e a mãe olham com expressão de orgulho para a criança, filho ou filha. Aparentemente são pessoas da classe trabalhadora, uma vez que o homem que se apresenta tem os braços fortes, fruto do trabalho, e as roupas penduradas no varal, dentro de casa também nos indicam tal fato. Este quadro se chama *A Redenção de Cam*, e foi criado por Modesto Brocos, em 1895.

A descrição acima, a princípio, nos parece descrever uma *obra de arte* sem a menor intenção de ofender ou violentar qualquer indivíduo. Contudo, um olhar mais atento perceberá debates sociológicos necessários, destacando uma importante prova sobre a barbárie que o Brasil presenciou durante o seu período colonial e tem presenciado por toda a sua história: o branqueamento da população.

Ela, por si só, já nos traz questões para reflexão, nos tira do lugar de observador de uma simples família tradicional, e nos chama a atenção para elementos básicos, como as relações interraciais. Brocos cria uma cena, cria uma realidade, sendo ela não somente a sua perspectiva, como também ele quer impor essa forma de olhar da sociedade para que outras pessoas sigam sua interpretação. Em outras palavras, ele inventa um discurso visual retórico.

E por isso, por toda a sua intervenção social por meio de uma pintura, ela pode ser uma peça importante para o Ensino das Artes Visuais em conjunto com a Sociologia.

Para entendermos melhor, e mais a fundo, de que forma utilizar esta imagem em sala de aula, nas aulas de sociologia e de artes, no Ensino Médio, precisamos conhecer não só a tela, mas o artista, seu contexto, o que Ana Mae Barbosa coloca como contexto da obra, por meio da Abordagem Triangular. Iniciaremos pelo título: *A Redenção de Cam*.

A palavra redenção, de acordo com o Aurélio, é definida como uma *ação ou efeito de redimir, de reparar um erro, de fazer uma retratação; libertação, perdão, reconciliação* (Ferreira, 2019). É normalmente utilizada em contextos religiosos e está relacionada à um pedido de desculpas, redimir-se de algo, como nos mostra a passagem bíblica a seguir:

Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado. Nele temos a **redenção** por meio de seu sangue, **o perdão dos pecados**, de acordo com as riquezas da graça de Deus, a qual ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e entendimento. (Efésios 1:4-8, grifo nosso)

Mas redimir-se de que? Perdoar de quais pecados?

Os filhos de Noé que saíram da arca eram Sem, Cam e Jafet. Cam era o pai de Canaã. Estes eram os três filhos de Noé. É por eles que foi povoada toda a terra. Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se, e apareceu nu no meio de sua tenda. Cam, o pai de Canaã, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus irmãos. Mas, Sem e Jafet, tomando uma capa, puseram-na sobre os seus ombros e foram cobrir a nudez de seu pai, andando de costas e não viram a nudez de seu pai, pois que tinham os seus rostos voltados. Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube o que lhe tinha feito o seu filho mais novo. "Maldito seja Canaã, disse ele que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!". E acrescentou: "Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo! Que Deus dilate a Jafet e este habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo!". Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinquenta anos. A duração total da vida de Noé foi de novecentos e cinquenta anos e morreu. (Gênesis 9:18-29)

Em tese, Cam teria sido castigado por ter visto a nudez de seu pai. Como castigo, seu filho Canaã se tornaria escravo de seus tios, Sem e Jafet. Não só Canaã, como todos os seus descendentes, a partir de então. Essa seria a **Maldição de Cam**. O pesquisador Vamberto Morais (1988), nos lembra que:

A psicologia da relação senhor-escravo tem exigido não raro que se instile no povo escravizado um sentimento irracional de "culpa" para reforçar sua submissão. Há um certo paralelo aqui com a maldição de Eva, cujas descendentes são condenadas a viver submissas ao homem por causa do pecado original da desobediência (Ge, 3,6). O mito da maldição de Canaã, convertido em maldição de Caro, seria depois muito útil para estigmatizar os negros da África, considerados descendentes de Cam por intermédio de seu filho Cush. (Morais, 1988, p.8)

O autor também destaca que é a partir de interpretações da Bíblia que ocorre a associação entre a Maldição de Cam e os negros africanos. Em textos posteriores,

apresenta-se a ideia de que Cam teria se convertido em um homem de pele negra como, e as pessoas negras, da África, andariam nuas pelo fato de seu antepassado Cam ter visto seu pai sem roupas (Morais, 1988). Cabe destacar que o texto de Moraes (1988) foi um dos únicos em que identifiquei alguma discussão sobre essa menção de que Cam teria sido castigado com a mudança da cor de pele... O texto bíblico não menciona essa interpretação. Contudo, a leitura que as pessoas fazem da bíblia, o uso político realizado com trechos dela, constroem uma ideia racista, de que o castigo a Cam, está relacionado à sua “conversão como homem negro”:

não há dúvida de que a história da maldição de Canaã foi inventada para explicar a animosidade dos israelitas para com os cananitas... Trata-se de um mito político com elementos de chauvinismo nacionalista, não de uma ideologia racial (Morais, 1988, p.252)

Seriam os muçulmanos, responsáveis por ampliar a Maldição de Cam, de forma a justificar o uso da mão de obra escravizada de negros africanos. Mais especificamente no caso brasileiro, o jesuíta Jorge Benci, ao falar da escravidão no Brasil, em seu livro “A Economia Cristã dos senhores no governo dos escravos”, comentou sobre a negritude como sendo inferior às pessoas brancas, inclusive afirmando que a nudez africana era consequência da Maldição de Cam (VAINFAS, 1986).

Sendo assim, a Maldição de Cam associa a pele negra como resultado de uma “maldição” ou “punição”. E por isso, a Redenção, estaria associada então ao branqueamento. Agora apresentemos os elementos na tela que corroboram com seu título.

Fazendo uma descrição do quadro da esquerda para a direita, o primeiro elemento que se faz presente, é uma palmeira tipicamente brasileira, que pode representar a territorialização da imagem no Brasil. Logo em seguida, uma senhora de mais idade, negra, de pele bem retinta, com o rosto e as mãos levantadas aos céus, como se agradecesse por algo, utilizando um lenço na cabeça, hábito usual das pessoas negras escravizadas. No centro, uma mulher de meia idade está sentada, sendo possível perceber que houve uma miscigenação, por ser uma mulher negra de pele clara, ela está com a mão direita apontando para a senhora e olha para um bebê, que está em seu colo. O bebe tem a pele bem clara, e veste um vestido azul, com uma das mãos acena para a senhora, e com a outra, segura o que parece ser uma laranja. Logo à direita, um homem branco, com cabelos lisos, está sentado no que

parece ser o assoalho da entrada da casa, de costas para a mulher, e com o rosto e olhar fixados para o bebê. Mãe e pai olham zelosamente para o filho.

Vale destacar que a senhora está descalça, sobre um piso que parece ser de terra batida, o qual pode indicar uma possível relação com as desigualdades sociais dos negros na sociedade brasileira. A mulher e o marido estão sobre um piso de pedras, o que pode estar associado com a ideia do desenvolvimento, o acesso à civilização. Cabe destacar que a mulher de coque está em um entre lugar, não necessariamente pisa o chão de terra batida, como sua mãe, nem está completamente no chão calçado, civilizado, como seu marido, e isso pode ser associado à sua cor de pele, não branca como seu marido, nem de pele retinta como sua mãe.

O homem está de chinelos/sapatos portugueses e a mulher com uma saia que cobre os seus pés. A cor das saias das duas mulheres é muito semelhante, o que nos convida a pensar que a senhora é mãe da mulher sentada, com o filho no colo, além de que a mulher porta uma aliança no dedo, demonstrando ser casada. Trata-se então de uma família, com uma criança branca ao centro, no colo de sua mãe parda, sendo a senhora sua avó (negra), e o homem, seu pai (branco), ou seja, três gerações.

Um aspecto importante presente no discurso visual, e que se associa ao caráter bíblico de seu título, é o fato de no centro termos uma criança segurando uma fruta, podendo fazer alusão ao fruto proibido: *tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido que estava com ela, e ele comeu.* (Gênesis 3:6).

Sobre as vestimentas, a avó veste blusa, e saia, um casaco e um lenço, todos de tecido simples e lisos. A mãe veste blusa e saia, com tecidos e estampas mais sofisticadas, cabelos presos como um coque alto e um echarpe escuro. O pai veste uma calça de linho e uma blusa de algodão. A criança usa o que parece ser uma camisola azul, marcando assim seu gênero masculino, uma vez que o azul representa, na maior parte das vezes, a cor das crianças masculinas. Sobre a fisionomia de cada personagem, cabe destacar:

Diante da naturalidade com que as demais figuras harmonizam com o ambiente, a idosa captura a atenção: o matiz que colore sua pele é menos natural, como se a espessa camada de tinta em seu rosto conferisse a ela um aspecto argiloso, de feições menos nítidas que as de sua descendência. Também lhe falta o contraste e a profundidade que as sombras no rosto sabem inculcar às demais figuras. Dessa forma, a velha senhora lembra uma espécie de estátua de barro na cor, textura da pele, rigidez da posição e gestual e na configuração menos nítida de suas expressões, realçada pela uniformidade da mancha de tinta que lhe recobre a face. (LOTIERZO, 2013, p. 22)

Como se o pintor quisesse despersonalizar a senhora, ele utiliza traços poucos definidos, ao lado de uma palmeira tipicamente brasileira, contudo, podendo ser associada também ao dendezeiro, trazido pelos negros africanos de África.

Dito tudo isso, percebe-se, que dentro de uma criação triangular, em que os vértices podem ser compreendidos como o rosto da senhora negra, o rosto do pai branco, e por fim o rosto do filho branco no centro, tem-se a interpretação de um processo de branqueamento. A principal mensagem posta, é que dentro de três gerações, a população brasileira embranquecerá, se aproximando da pureza e do valor que a Europa tem, com sua população branca. O que se relaciona diretamente com a tese do branqueamento.

Vale lembrar que o ano de lançamento da tela, 1895, está apenas a 7 anos após a Lei Áurea ser assinada, em 13 de maio de 1888. Esta lei versava sobre a extinção da escravidão no Brasil. E o que fazer com todas aquelas pessoas negras, nascidas no país, ou trazidas do continente africano? A tese do branqueamento, defendida pelo Estado brasileiro, busca assim eliminar toda a não pureza de sua população, e assim a tela de Brocos se torna uma pista de que o povo brasileiro passa pelo seu processo de purificação, em três gerações, todas as crianças seriam então brancas. O Brasil torna-se então uma sociedade de brancos.

3.3 QUANDO A ARTE E A SOCIOLOGIA SE ENCONTRAM: O CONTEXTUALIZAR

A partir do momento que conhecemos a tese do branqueamento, conseguimos nos aprofundar então no discurso visual de Modesto Brocos. Com o olhar mais atento, percebemos que a coloração da pele de cada uma das personagens criada por Brocos apresenta uma tonalidade específica. A avó, com tom amarronzado, a mãe com um amarelo pálido, sem muito destaque, já a do pai, um branco acinzentado. Contudo, ganha destaque o branco dourado, do bebê (Lotierzo. 2013)

Diante da naturalidade com que as demais figuras harmonizam com o ambiente, a idosa captura a atenção: o matiz que colore sua pele é menos natural, como se a espessa camada de tinta em seu rosto conferisse a ela um aspecto argiloso, de feições menos nítidas que as de sua descendência. Também lhe falta o contraste e a profundidade que as sombras no rosto sabem inculcar às demais figuras. Dessa forma, a velha senhora lembra uma espécie de estátua de barro na cor, textura da pele, rigidez da posição e gestual e na configuração menos nítida de suas expressões, realçada pela uniformidade da mancha de tinta que lhe recobre a face. (Lotierzo, 2013, p.21)

Todos esses elementos, nos conduzem a perceber que o discurso visual em debate se trata de um artefato construído para representar a tese do branqueamento, ou em outras palavras, para dizer sobre o branqueamento da população brasileira, e todo o desenvolvimento associado a ele. Uma avó negra, a geração mais antiga representada no quadro, em seguida, na linha abaixo, a geração das pessoas pardas, resultado da mistura entre homens brancos e mulheres negras, e logo abaixo, a representação da branquitude pura, a terceira geração que traz o título de desenvolvimento e contribui com a valorização da identidade nacional. Em três gerações, o Brasil seria então um país de brancos.

A tela de Modesto Brocos recebeu, em 1895, ano de sua criação, a medalha de ouro da Exposição Geral de Belas Artes, considerada o principal prêmio das Artes, no Brasil, da época. “Muito embora muitíssimo bem pintada, trata-se, sem dúvida, de uma das pinturas mais reacionárias e preconceituosas da Escola Brasileira” (LEITE, 1988, p.177). Este verbete, escrito por José Roberto Teixeira nos convida para um olhar mais atento à tela, destacando sim seus quesitos técnicos, mas destacando, por outro lado, toda a violência que está associada à criação do artista.

E aqui, cabe um aprofundamento, de algo que já apresentamos anteriormente, mas de forma breve. Sobre o I Congresso Internacional das Raças, que ocorreu em 1911, em Londres, este foi o Primeiro Congresso Universal de raças, em que estiveram presentes mais de 50 nacionalidades, inclusive o Brasil. O contexto do congresso é que a Europa estava em ampla expansão imperialista, às vésperas da 1ª Grande Guerra Mundial, lidando com diferentes culturas e povos. E com o objetivo de pensar sobre a boa convivência entre as diferentes raças, fez-se o encontro. Cabe destacar que o conceito de raça, utilizado na época, ainda se tratava da biologia e não como uma construção social, ou seja, havia uma genética específica para cada raça, dizendo assim sobre “diferentes seres humanos”.

A participação do Brasil se deu por João Baptista de Lacerda, um homem branco, médico, diretor do Museu Nacional, do Rio de Janeiro. Lacerda, então, utilizou a tela *A Redenção de Cam* para mostrar ao mundo que o Brasil estava no caminho para o branqueamento de sua população, ou seja, um representante do Estado Brasileiro defendendo positivamente o branqueamento da população. A partir de sua legitimação como cientista, ele tenta refutar a imagem do Brasil como um lugar onde a mestiçagem está presente, criando uma ideia de que através do cruzamento entre entre raças, a negritude no país tupiniquim estava com seus dias contados. Ou seja,

os casamentos entre pessoas brancas e pessoas negras geraria filhas/os cada vez com a pele mais clara, possibilitando o seu branqueamento até o fim do século XX. (Projeto Querino, 2022)

Outro estímulo, além do cruzamento entre raças, que trazia a ideia da tese do branqueamento, era a entrada de um grande número de imigrantes europeus em território brasileiro como mão de obra, como já citamos anteriormente. E para isso, o governo brasileiro ofereceu atrativos, como condições especiais para a compra de terra e animais, passagens gratuitas para as viagens, entre outros.

Ressaltamos que todas essas informações foram divulgadas, em um congresso internacional, a partir de uma pessoa enviada pelo governo brasileiro, representante de uma das maiores referências culturais do país, o Museu Nacional.

A arte não é ingênua. Ela tem poder simbólico. Assim também como a educação, o ensino das Artes e o ensino da Sociologia. A tela de Modesto Brocos comprova como o artista pode estar comprometido com ideologias políticas e isso passa despercebido ao olhar de quem aprecia a arte, e acaba por embutir na sociedade formas de pensar.

4. PROPOSTA DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA: O FAZER

O convite ao pensar as Artes Visuais e a Sociologia de mãos dadas nos conduzem a buscar metodologias que tornem esse encontro a melhor experiência possível para estudantes.

Apresentada essa discussão, ao pensar no contexto da tela *A redenção de Cam*, de Modesto Brocos, necessariamente passamos pelo debate sobre a tese do branqueamento. Falar sobre ela não é um tema fácil para estudantes e professores/as. É um tema sensível uma vez que a discussão sobre racismo estará presente de uma forma, muitas vezes, violenta para as pessoas envolvidas na aula. O Ensino da Sociologia vivencia essa situação em diversos momentos, e talvez, a melhor forma de se trabalhar esse assunto se dá por meio de Oficinas Pedagógicas, principalmente pela lógica das oficinas. A palavra oficina traz a ideia de um processo de aprendizagem dentro de um espaço artesanal, em que todas/os participantes estão envolvidas/os na construção de um objeto ou de um saber. É um espaço compartilhado em que novas pessoas aprendem a fazer com pessoas já experientes. (ANDRADE & LUCINDA, 2001)

As oficinas se estruturam de uma forma em que o/a educador/a convida estudantes a se envolverem na temática por meio de 3 importantes momentos:

1º momento – Sensibilização: busca-se introduzir o tema proposto, identificando o conhecimento prévio das/dos participantes e a experiência sobre o tema já vivenciadas pelas participantes.

No caso da proposta em questão, a sensibilização poderia se dar por meio da apresentação do quadro *A Redenção de Cam*. A melhor forma de mostrar o discurso visual para estudantes seria com a impressão do quadro, o seu emolduramento, permitindo assim que a peça permaneça depois, no corredor da escola, na biblioteca ou em outro espaço onde estudantes possam constantemente se recordar da aula. Caso não haja recursos, uma forma é exibir o quadro por meio do Datashow, ou inclusive, imprimindo a tela e a afixando na parede, assim como um pequeno texto convidando estudantes a perceberem no quadro todos os elementos de violência, que não estariam tão evidentes a um olhar menos atento.

Em um primeiro momento, estudantes devem ser provocados a avaliarem o quadro e a pensarem sobre ele. Dessa forma indicamos as seguintes perguntas para debate, já direcionando o olhar para o conteúdo trabalhado em sala de aula:

- Qual é a primeira impressão que você tem ao olhar para o quadro?
- Que emoções ou sentimentos o quadro desperta em você?
- Quais elementos do quadro chamam mais a sua atenção?
- Quais são as cores predominantes no quadro e como elas afetam sua percepção?
- Quais elementos nos dizem que esse quadro fala de uma realidade brasileira?
- Como estão caracterizados os personagens?
- Qual a relação entre os personagens?
- Como essa obra reverbera em você?

2º momento – Aprofundamento: esta é a etapa em que novos conceitos serão apresentados. Outras fontes são oferecidas para que o diálogo seja cada vez mais interessante. É importante destacar que: *em processos educativos promovidos junto a educadores populares, quanto mais o saber sistematizado (ou teorizado) estiver relacionado com a vivência prática dos sujeitos, mais facilmente os educandos se movem em direção ao conhecimento que se quer construir* (Jares 1999; Gonzales 1999 APUD Andrade & Lucinda, 2001, p.).

Dessa forma, o aprofundamento se dá pela explicação do quadro. A partir das respostas de estudantes na sensibilização, inicia-se a aula expositiva. Não há uma sequência ideal para explicar os elementos. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, iniciamos pelo título da tela, explicando a Maldição de Cam, logo depois a Redenção de Cam. Em seguida, destacamos os personagens, suas características como as vestimentas, os traços do rosto e o tom de pele. Após essa apresentação, insere-se a tese do branqueamento, relacionando assim o conteúdo com os elementos do quadro de Brocos. Ou seja, é neste momento que espera-se a contextualização da pintura, de seus contexto histórico e sociopolítico, da biografia do pintor, bem como o que a imagem representava para a época, e em quais discursos ela foi utilizada.

3º momento – Compromisso: Esta é uma das etapas mais importantes das Oficinas Pedagógicas, é um momento em que todas as pessoas participantes da oficina estabelecem metas e tarefas a serem cumpridas no intuito de impactar positivamente a sociedade em relação à temática das oficinas.

O compromisso para esta oficina se dá na tentativa de estudantes identificarem que existem outras formas de representar a pessoa negra na arte. A perspectiva de Modesto Brocos representa uma ideologia de extermínio do povo preto no Brasil. Mas há outras formas positivas. Cabe nesta etapa, um convite para que estudantes pesquisem e tragam pinturas e imagens que apresentem representações negras de forma positiva. Além de apresentar a obra de arte, é muito importante também que estudantes sejam convidados a apresentar o contexto da obra, e elementos técnicos, como material utilizado, cores, composição, técnicas...

5. DISCUSSÕES FINAIS

Modesto Brocos se tornou conhecido por suas pinturas que retratavam cenas do cotidiano brasileiro, abordando temas como a vida rural, a religiosidade e a diversidade cultural do país. Além de pintor, Brocos também foi professor na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Sua tela mais conhecida, a *Redenção de Cam* tem um papel importante na história do nosso país, ela é um registro de um discurso extremamente racista e violento para a população brasileira. Esse discurso, representado sobre uma tela de tinta a óleo, é uma excelente oportunidade de discutir sobre um elemento muito presente na sociedade brasileira: o racismo.

O desenvolvimento desta pesquisa, assim como as atividades aqui propostas mostram a importância do encontro das Artes com a Sociologia, no Ensino Médio. Ela proporciona que estudantes debatam sobre temas importantes, de forma mais leve e que foge da lógica exclusiva da sala de aula. Além de que, a nossa prática demonstrou que estudantes engajaram muito mais no debate sobre a tese do branqueamento, despertando assim maior interesse na disciplina. As obras de arte têm o poder de estimular a curiosidade, despertar emoções e capturar a atenção das/os alunas/os, criando assim um ambiente propício para a aprendizagem e a participação ativa das/os estudantes nas discussões. Seria o que Ana Mae Barbosa nos coloca como a contextualização da obra de arte, dentro da perspectiva da Abordagem Triangular, esta que tem se mostrado uma importante experiência para o ensino das Artes Visuais, e que neste trabalho se mostrou como um importante caminho para o ensino da Sociologia atrelado às Artes.

As obras de arte são expressões visuais e sensoriais que podem transmitir informações e conceitos de forma única. Ao analisar a *Redenção de Cam*, por exemplo, os estudantes desenvolveram habilidades não só de observação, interpretação e análise visual, como também de análise crítica. Eles aprenderam a reconhecer símbolos, cores, formas e técnicas artísticas, ou seja, a ler uma obra de arte de uma outra forma, contribuindo assim para a compreensão de mensagens sociais e culturais mais reflexivas.

Um desafio que se faz presente está relacionado com a falta de recursos dentro do ambiente escolar, como também a formação dos profissionais da educação, que muitas vezes são provocados a trabalhar de forma interdisciplinar, contudo a falta de capacitação dificulta o processo. Contudo, o Ensino das Artes Visuais junto do Ensino

da Sociologia se mostrou, na prática apresentada nesta pesquisa, como uma excelente estratégia.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 59-64, 1995.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Ensino da arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. **São Paulo: Unesp/Redefor**, 2011.

BARROS, Maiara Pereira; MENONCIN, Camila. Práticas de ensino de sociologia no Paraná. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia*, v. 8, n. 19, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BODART, Cristiano. Como usar fotografia em aulas de Sociologia. *Café com Sociologia*. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/projeto-ciencia-e-imagem-retratos-do/>. Acesso em 20 de ago. de 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, v. 33, p. 235-250, 2012.

COSTA, Robson Xavier; SILVA, Maria Betânia. Investigação e/sobre artes visuais: artista/pesquisador/professor. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas. "Compartilhamentos na arte: redes e conexões"*, p. 3450-3465, 2015.

DASILVA87, Nádia Maria Vieira. A redenção que não houve: as tentativas de branqueamento da população mestiça no Brasil no final do século XIX e inícios do século XX. **Corpo Editorial**, p. 134, 2018.

DE OLIVEIRA, Denilson Araújo. A questão racial brasileira: apontamentos teóricos para compreensão do genocídio negro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 34, p. 73-98, 2020.

FACCO, Marta; GOULART, Tharciana; LAMPERT, Jocielle. A pesquisa em arte na arte educação: reflexões sobre 'invenções' no ateliê de pintura, In *Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 26o, 2017, Campinas. *Anais do 26o Encontro da Anpap*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.4161-4174.

FERREIRA, Beatriz et al. Ensino de sociologia na modalidade EJA e educação não formal—uma experiência do curso de educação e arte do projeto educativo de integração social. *Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP*, n. 27, p. 1-1, 2019.)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Coordenação: Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. - 4a. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 727-744, 2012.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. **Belo Horizonte: editora UFMG**, v. 124, p. 93-125, 2003.

LEITE. José **Roberto** Teixeira. Dicionário crítico da pintura no Brasil. Artlivre. Rio de Janeiro, 1988.

LOTIERZO, Tatiana Helena Pinto. **Contornos do (in) visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas. Florianópolis, v.22, n.3, jan.2015.

MARQUES, Isabel A. De tripé em tripé: o caleidoscópio do ensino da dança. In: BARBOSA, Ana Mae; DA CUNHA, Fernanda Pereira. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. Cortez Editora, 2010.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial-Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas, Editora da Unicamp, 2010, 600 páginas.

OLIVEIRA, MCM; BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. História como estratégia: uma apropriação da Abordagem triangular para uma educação não conformista. **Abordagem triangular: no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortéz**, 2010.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. Ouvirouver, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 88-98, 2015.

PROJETO QUERINO. Episódio 07: Salve-se quem puder. [Locução de]:Thiago Rogero. Rádio Novelo. Julho de 2022. Disponível em: https://projetoquerino.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Ep-07_Salve-se-quem-puder_Querino-1.pdf. Acesso em 19 de jul. de 2023.

SCHWARCZ, Lillia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Tharciana Goulart da. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. **Matéria-prima**, v. 5, p. 88-95, 2017.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 2018.

TEIXEIRA, Maria Barros, Abenizia Auxiliadora; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Artes visuais como recurso didático nas aulas de sociologia na educação básica. In: Semana Acadêmica 2016.